

ISSN 2238-9113**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA: NECESSIDADE E RESPONSABILIDADE DE TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Sandra Do Rocio Ferreira Leal (sandra_rfl@yahoo.com.br)**Sandra Do Rocio Ferreira Leal (sandra_rfl@yahoo.com.br)**

RESUMO – Leitura e produção de textos são práticas interdisciplinares, presentes em todas as áreas do conhecimento, dentro e fora da escola. No entanto, ainda na escola existe o mito de que cabe exclusivamente aos professores de Língua Portuguesa trabalhar com esses eixos, ensinando a leitura e produção de todos os gêneros textuais utilizados nas diversas áreas do conhecimento, tais como: resumos, resenhas, mapas, gráficos, regras de jogos, manuais de instrução, entre outros. Dessa forma, espera-se, “milagrosamente”, que nas aulas de Língua Portuguesa sejam sanadas todas as dificuldades de leitura e escrita dos alunos. A partir dessa problemática é que se ofertou este projeto de extensão, que iniciou com uma investigação entre os professores de Língua Portuguesa e das demais áreas do conhecimento, através da aplicação de questionários, com o intuito de detectar quais as principais dificuldades e dúvidas que eles, enquanto professores, tinham em relação à leitura e à escrita, no ambiente escolar e em suas vidas pessoais. Após análise desses questionários, foram realizadas atividades de esclarecimento, orientação e incentivo à leitura e escrita para os professores e alunos dos 6ºs anos, pois são notórias as dificuldades que apresentam ao ingressarem nos anos finais do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE - Leitura. Produção de texto. Professores. Alunos do 6º ano.

Introdução

Além dos ideais comuns a todos os educadores, o elo mais consistente e infinitamente dotado de possibilidades, que une todas as áreas do conhecimento e, em decorrência disso, todos os educadores, é a linguagem. As Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa (DCEs, 2008) ressaltam que é tarefa da escola oportunizar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais, utilizando a leitura, a escrita e a oralidade, com o objetivo de inseri-los nas diversas esferas de interação social.

Se essa é uma tarefa da escola, é necessário que se reavalie como isso tem sido efetivado em muitas salas de aula. Até que ponto essas práticas escolares, em todas as disciplinas, têm aproximado ou distanciado os alunos das práticas sociais? O que parece tão natural na vida do ser humano tem assumido, no âmbito escolar, tamanha artificialidade que, em muitos casos, tem criado uma verdadeira aversão nos alunos, de todas as idades, à leitura e à escrita. Em decorrência disso, a escola, ao contrário do que as DCEs determinam, tem

formado não leitores e não produtores de texto, culpando, exclusivamente, a disciplina e os docentes de Língua Portuguesa.

Leitura e escrita são necessidades e responsabilidades de todas as áreas do conhecimento, dentro e fora da escola. Nessa perspectiva, com o intuito de contribuir para a melhoria das práticas de letramento na escola, visando alunos e professores, é que se propôs este projeto de extensão.

Objetivos

Se leitura e produção de textos são práticas interdisciplinares, há que se considerar que além de se ter alunos não leitores e não produtores de textos, tem-se também nessa situação muitos professores de Língua Portuguesa e das demais áreas do conhecimento. Então para que esse projeto de extensão pudesse atingir alunos e professores, foram determinados objetivos gerais e específicos, tais como:

- Despertar nos professores de todas as áreas do conhecimento a consciência de que são responsáveis pelo desenvolvimento do processo de letramento de seus alunos.
- Aplicar questionário com perguntas semiabertas para todos os professores da escola, buscando detectar as concepções de leitura e produção de textos desses docentes;
- Identificar quais são as dúvidas e dificuldades que os professores enfrentam, dentro e fora da sala de aula, para a realização de atividades que envolvam leitura e escrita;
- Investigar quais as principais dificuldades dos alunos de 6º ano do Ensino Fundamental em relação à leitura e à escrita nas diversas áreas do conhecimento;
- Planejar oficinas, mesas redondas, minicursos, palestras e pequenas orientações sobre leitura e produção de textos para os professores da escola;
- Planejar atividades de leitura e escrita, voltadas às especificidades de cada disciplina, para alunos dos 6ºs anos;
- Organizar, na UEPG, grupo de estudos e/ou evento extensionista sobre gêneros textuais, letramento, leitura e produção de textos, com os acadêmicos envolvidos no projeto.

Referencial teórico-metodológico

Paulo Freire (1989), na tentativa de definir leitura, usa uma imagem bastante significativa que exprime com maestria o diálogo que se estabelece entre autor e leitor, mediado pelo texto. Para Freire, num sentido metafórico, sempre que ele se defronta com uma nova leitura, coloca uma cadeira frente ao texto e trava um diálogo com o autor, seja ele quem for, via texto. Esse caráter dialógico da leitura, quando compreendido e respeitado, oportuniza, em todas as áreas do conhecimento, um mergulho no texto que se inicia pela

decodificação, avança na direção da compreensão que, por sua vez, subsidia a interpretação e, por fim, vai à extrapolação. Ler um texto é como abrir infinitas portas que levam o leitor a lugares previsíveis e imprevisíveis. A leitura leva o indivíduo a buscar novas experiências, perceber seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem como ser social. (DCEs, 2008).

Cabe então aos educadores mediar esse diálogo, essa busca, esse despertar das vozes que constituem o indivíduo leitor. Essa mediação, quando bem realizada, diminui a distância entre as práticas escolares de oralidade, leitura e escrita e as práticas sociais cotidianas, num movimento constante, pois ora o sujeito é leitor, ora é produtor de novos textos, orais, escritos e não verbais.

O que dizer, por exemplo, das crianças que chegam ao 6º ano do Ensino Fundamental semialfabetizadas? Das bibliotecas escolares cujos livros estão lá apenas como peças decorativas? Dos atendentes desses espaços privilegiados de leitura em desvio de função? Dos professores que desconhecem o acervo de livros da biblioteca da sua escola? O que dizer das práticas escolares de leitura e escrita que utilizam apenas os textos do livro didático e reduzem as discussões à resolução dos exercícios que, na maioria das vezes, exploram apenas a superfície do texto, sem se importar com as características do gênero textual em questão, da sua função social, do seu suporte? O que dizer daqueles professores que passaram pelos cursos de graduação sem ao menos ler um livro na íntegra? O que dizer dos professores que não gostam de ler e nem de escrever?

Essas e muitas outras questões mostram que ainda há muito a ser feito em se tratando de linguagem e que essa preocupação não pode ser apenas dos professores de Língua Portuguesa, mas sim de todos os educadores, de todas as áreas do conhecimento. O sujeito leitor e produtor de textos é fruto das inúmeras vozes que o constituem, portanto há na formação desse indivíduo uma parcela de contribuição de todas as áreas do conhecimento e cabe a todos incentivar, praticar e aprimorar as práticas de oralidade, leitura e escrita, dentro e fora da escola.

Ler e escrever são práticas fundamentais na vida dos seres humanos, principalmente porque desenvolvem uma capacidade muito importante, a capacidade de pensar, que diferencia os seres racionais dos animais irracionais, permitindo que os homens mostrem a sua singularidade dentro da pluralidade.

Se a leitura e a escrita não oportunizarem o desenvolvimento da capacidade de pensar e de julgar, se elas não forem, num sentido metafórico, um molho de chaves capaz de abrir as

mais variadas e distantes portas, não serão práticas sociais, serão apenas atos isolados de mera decodificação.

Anseia-se por um país alfabetizado, mas é essencial que se avance da mera alfabetização funcional para um processo contínuo de letramento, que se inicia no ventre materno e se estende pela vida toda do indivíduo.

Para Soares (1999), a palavra letramento origina-se do termo *literacy*, que indica o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Portanto o letramento traz implicações sociais, culturais, políticas, cognitivas, econômicas e linguísticas para o sujeito que se apropria da leitura e da escrita. (RANGEL, 2005).

O aperfeiçoamento da leitura e da escrita não ocorre através das práticas escolares realizadas apenas na disciplina de Língua Portuguesa, desvinculadas das demais áreas do conhecimento e das práticas sociais. Ele ocorre a partir da leitura e produção de diferentes gêneros textuais, por meio das experiências sociais vividas, tanto de forma singular como coletivamente. (DCEs, 2008)

Vincular a leitura e a produção textual às práticas sociais nada mais é do que planejar essas práticas à luz de algumas reflexões: ouve-se falar do esfacelamento da leitura em decorrência do avanço tecnológico, principalmente com o advento, em massa, do uso do computador e outras tecnologias. Esses novos suportes que adentram os muros da escola, através da atração e do encantamento que exercem sobre os alunos: crianças, jovens e adultos, deveriam levar a escola e os educadores a repensarem suas práticas de leitura e escrita. Mas será que isso realmente tem acontecido? Os professores têm utilizado essas práticas sociais a seu favor ou têm ignorado a sua presença e assim perdido espaço mais do que já haviam perdido, impondo aos alunos a leitura de textos dos livros didáticos? Mas e os livros virtuais, por exemplo? Por que não podem fazer parte das aulas? Por que muitos educadores ainda resistem tanto a isso se não há volta, se é incontestável que seus alunos nasceram numa era digital e com ela convivem diariamente?

Esse processo interlocutivo, dentro da escola, suscita a participação ativa de todos os professores, enquanto mediadores entre texto e autor. A respeito disso, Lajolo (1999) reforça que a figura do professor é a que predomina na orientação da leitura, assumindo o texto mais como objeto de técnicas da análise do que elemento mediador entre leitor e autor, que seria a sua real função. Ela afirma que “o que há, então, para o professor, é um *script* de autoria alheia, para cuja composição ele não foi chamado: leitura jogralizada, testes de múltipla escolha, perguntas abertas ou semi-abertas, reescrita de textos, resumos comentados são

alguns dos números mais atuais do espetáculo [...]”. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 15).

A leitura e a produção de textos trabalhadas nessa perspectiva metodológica, impõem um modelo. As respostas e o suposto aprendizado que advém desse modelo, nem sempre agradam ao professor e nem demonstram que os alunos se apropriaram e construíram conhecimentos. Então por que manter-se fiel a ele? Romper com paradigmas que já não dão mais conta dos processos de leitura e escrita pode ser um bom começo. Compreender e assumir que essas práticas são de responsabilidade de todas as áreas do conhecimento, pode ser um passo decisivo na junção de forças em prol da formação crítica de leitores e produtores de textos.

Diante do exposto, este projeto de extensão que teve início em 2014, com a aplicação de um questionário para os professores de Língua Portuguesa e das demais áreas do conhecimento, de uma escola estadual da periferia da cidade de Ponta Grossa, PR, teve como intuito detectar as concepções que possuíam sobre leitura e produção de textos, dificuldades que encontravam na execução dessas práticas, dentro e fora da escola.

Após análise desses questionários, foram realizadas oficinas de leitura e produção de textos para alunos dos 6ºs anos, pois a preocupação com essas práticas, nos anos finais do Ensino Fundamental, deve ser acentuada nos 6ºs anos. Além das oficinas para os alunos, foi organizado um evento extensionista denominado “Trocando ideias: temas e debates”, composto por quatro mesas redondas envolvendo professores da UEPG e das escolas das redes estadual, federal e privada de ensino. Nessas mesas, foram debatidos temas voltados à leitura e produção de textos, bem como à indisciplina na escola e a relação com metodologias ineficientes, dentre outras causas.

Neste ano, o projeto ainda está em desenvolvimento. O evento extensionista “Trocando ideias: temas e debates” foi reofertado. No final do ano letivo e também da primeira edição deste projeto de extensão, pretende-se aplicar novo questionário para observar quais foram os avanços e retrocessos, alimentado assim uma possível reedição do projeto.

Resultados

Como o projeto ainda está em andamento (2014 – 2015), os resultados são parciais mas já dão bons indícios. O envolvimento da equipe pedagógica e dos professores demonstra o quanto leitura e produção de textos, numa perspectiva teórico-metodológica, precisam ser discutidas no ambiente escolar.

Outro aspecto relevante é que, ainda de forma tímida, professores de outras áreas, não só de Língua Portuguesa, demonstraram interesse na proposta de trabalho, principalmente no evento “Trocando ideias: temas e debates”, e estão participando com o intuito de esclarecer dúvidas para encaminhamentos dessas práticas em sala de aula e também para desempenharem melhor os seus papéis de leitores e produtores de textos na sociedade.

Com relação aos alunos, a contribuição do projeto só será relevante se os professores da escola se conscientizarem da importância de adotarem metodologias motivadoras, em todas as disciplinas, voltadas às práticas de leitura e produção de textos. Além disso, espera-se que haja a tão necessária conscientização de que todos os professores, independente da sua área de atuação, precisam dominar aspectos teórico-metodológicos sobre leitura e produção de textos para então melhorarem suas práticas em sala de aula e, quiçá, seus desempenhos fora da escola.

Considerações Finais

Este projeto de extensão visa unir o tripé extensão, pesquisa e ensino, isto é, está sendo ofertado à comunidade, parte de uma investigação, através da aplicação de questionários, que foram analisados qualitativamente à luz de alguns referenciais teóricos. A partir dessa análise, foram propostas atividades de ensino para os alunos dos 6ºs anos e para os professores de Língua Portuguesa e demais disciplinas. Para finalizar, novos questionários serão aplicados e a análise desses questionários e de todo o percurso do projeto subsidiará a produção de artigo científico .

É importante ressaltar que este projeto tem contribuído com a formação inicial dos acadêmicos envolvidos, e com a formação continuada, não só dos professores de Língua Portuguesa, mas também de outras áreas do conhecimento que desejam saber mais, na perspectiva teórica e prática, sobre leitura e produção de textos.

Referências

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em 3 artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias & histórias**. São Paulo: Ática, 1999.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna. Curitiba, 2008.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

SOARES, Magda B. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1999.